



CUIDADOS E CUIDADORES: OS OUTSIDERS EM TERRITÓRIOS URBANOS MODERNOS E PÓS-MODERNOS

Keila Queiroz e Silva*

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

keilags@hotmail.com

RESUMO: Inspirada pela microhistória, bem como pela microsociologia, procurei dar visibilidade aos corpos cuidados e cuidadores dos porões da domesticidade na cena urbana. Recorri aos conceitos de estabelecidos e outsiders utilizados por Elias (2001) para analisar os papéis sociais e as relações intergeracionais entre os idosos, as crianças, os jovens e os adultos no cotidiano doméstico de famílias paraibanas. Neste cenário, os estabelecidos são os jovens hedonistas e os adultos produtivos que colam as suas identidades ao paradigma do trabalho, os outsiders são os que não têm vida pública, são os corpos que pulsam tempo lento e sentimento de domesticidade. O desprestígio dos corpos que precisam de cuidados tem se intensificado, bem como a sua solidão, esse abismo sígnico entre visíveis e invisíveis tem arruinado as vidas cidadinas contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidadores – Estabelecidos – Outsiders – Territórios citadinos – Famílias natimortas

ABSTRACT: Inspired by microhistory, as well as microsociology, I tried to give visibility to the cared bodies and caregivers from the holds of domesticity in the urban scene. I turned to the concepts of established and outsiders used by Elias (2001) to analyze the social roles and intergenerational relations among the elderly, children, young people and adults in everyday household of families from Paraíba. In this scenario, the established are the young hedonist and the productive adults who sticks their identities to the paradigm of work, the outsiders are the ones who have no public life, are the bodies that pulse slow time and sense of domesticity. The want of prestige from the bodies in need of care has intensified, as well as his loneliness; this depth of signs between visible and invisible has ruined the contemporary urban lives.

KEYWORDS: Caregivers – Established – Outsiders – Urban territory – Stillborn families

As sensibilidades cidadinas foram construídas na sociedade ocidental alicerçadas em um binômio público-privado que gerou papéis sociais prestigiados e desprestigiados. As experiências urbanas têm sido historicamente, eivada de conflitos e

* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunto I da Universidade Federal de Campina Grande. Professora do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFCG) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFCG).

paradoxos, bem como de um processo assimétrico de representações de seus atores sociais. O deslumbramento pela rua, pela vida pública e pelo pertencimento ao seu cotidiano moveu diversos segmentos de classe, gênero, etnia e gerações e ao mesmo tempo desqualificou as espacialidades domésticas. Um dos mitos da emancipação feminina está enraizado no desprezo pela casa e na apologia à vida pública. Fomos condicionados, todos nós, sujeitos modernos a construir uma sensibilidade cidadina que se colocou em oposição aos espaços-tempos rugosos e lentos.¹

A autora Sandra Corazza² ao narrar a história da infância moderna ocidental ressalta um dos grandes paradoxos da modernidade, ou seja, a invenção do sentimento de infância e a sua própria impossibilidade, denominando-a de infância natimorta, exemplificando experiências de adultização da criança em função das diferenças de classe, bem como de crianças burguesas que frequentam salões de beleza e que assumem diariamente uma agenda de adulto. Quero ressaltar nesse trabalho, outro paradoxo da sociedade moderna ocidental burguesa, o investimento no sentimento de família e ao mesmo tempo o seu desinvestimento motivado pelo individualismo, coisificação e banalização dos vínculos entre os gêneros, pelo esvaziamento do espaço doméstico e pela solidão dos que ficam em casa precisando de cuidados. Assim, respaldada no conceito de Corazza quero tornar dizível a experiência das famílias burguesas natimortas em territórios urbanos.

As performances urbanas prestigiadas no cenário moderno são afirmadoras do homo faber, na cena pós-moderna os estabelecidos são os homo ludens, ambos os modelos identitários se fabricam e se afirmam na vida pública e são ameaçados pela vida privada. Os que não estão na cena pública, no tempo do trabalho ou no tempo hedonista, são os que destoam desses padrões, são os outsiders urbanos. Nestes cenários, assumir uma identidade colada ao cotidiano doméstico e ao tempo lento do estar junto é construir e legitimar uma imagem de fracassado, é negar o seu pertencimento aos paradigmas da urbanidade.

¹ SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006.

² CORAZZA, Sandra Mara. **Infância e Educação – Era uma vez – quer que conte outra vez?** Petrópolis: Vozes, 2002.

Conforme ressaltou com muita propriedade³ as sociedades civilizadas afastaram para longe a doença e a morte, conseqüentemente os corpos que experienciam o fracasso da doença, assim como da velhice foram historicamente rejeitados. A minha experiência como cuidadora de idosos, doentes e crianças no âmbito familiar, assim como pesquisadora das famílias avoternais,⁴ onde os idosos são os cuidadores dos netos e coordenadora de um curso de cuidadores de idosos na esfera pública, na Universidade Federal de Campina Grande tem confirmado o ostracismo das pessoas que cuidam e das pessoas que são cuidadas.

Os preconceitos com relação ao espaço doméstico são proporcionais aos preconceitos dos quais são vítimas todos aqueles que assumem uma rotina diária em casa e não na rua.

Afirmando a histórica feminização do cuidado, Badinter⁵ apresenta como corpos cuidadores das crianças até o século XVIII, os corpos das amas de leite. Assim que nasciam, as crianças eram conduzidas para o campo, onde moravam as mulheres pobres que amamentavam e cuidavam dos filhos das famílias nobres até os cinco anos de idade. Logo depois, quando sobreviviam aos maus-tratos, esses corpos passavam muito pouco tempo convivendo com os seus pais em casa e eram depositados em internatos.

As cuidadoras são predominantemente aquelas mulheres desqualificadas socialmente, em todo cenário da história dos corpos civilizados, isso é o que eu percebi nas minhas análises bibliográficas e empíricas. Na história da Europa e do Brasil, quem assumiu o lugar de cuidadora de crianças? As amas de leite, as freiras das rodas de expostos, as empregadas domésticas, as irmãs solteiras, as ditas vitalinas que não têm vida própria, as mães domésticas, as avós e bisavós. Corpos cuidadores e ausência de individualidade, corpos cuidadores e domesticidade, corpos cuidadores e ausência de vida pública, corpos cuidadores e estado de invisibilidade social. Esses duetos imprimiram a esses corpos uma marca de marginalidade e des-importância e

³ ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

⁴ RAMOS, Keila Queiroz e Silva. **Os corpos enrugados e meus outros espelhos etários**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

⁵ BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

consequentemente aos corpos cuidados por estes. Ambos são corpos rejeitados por excelência, pelos corpos civilizados e públicos.

Descortinando o mundo dos corpos do porão, convivi com mulheres idosas de bairros populares da cidade de Campina Grande e João Pessoa que são as grandes protagonistas na preservação do sentimento de família e no combate ao abandono e à marginalidade infantil na cena pública.

A metodologia utilizada como facilitadora da minha pesquisa nos domicílios dos/das (avôs) avós cuidadores dos netos e bisnetos nos bairros do Pedregal e Bodocongó, em Campina Grande, e São José, em João Pessoa, foi a história oral. A experiência de Ecléa Bosi,⁶ sem dúvida foi o meu maior referencial para o trabalho com histórias de vida dos avós das três comunidades. Maurice Halbwachs⁷ também foi o guia intelectual nas reflexões, consubstanciada em seu conceito de memória, reconhecendo que o ato de lembrar é social, histórico, relacional e contingencial. Realizei as entrevistas, dentro de uma perspectiva antropológica, no sentido de experienciar, nos encontros com o “outro” narrador, uma escuta atenta e sensível, uma vez que trabalhar com a história oral é, acima de tudo, criar e cuidar de vínculos e laços sociais e emocionais. A escuta dessas memórias representou para mim uma experiência de dádiva, uma vez que através dos nossos encontros, construímos vínculos. No nosso estar junto, eles recebiam de mim e dos meus parceiros de pesquisa, a disponibilidade de escuta, olhar e toque, e nós recebíamos deles belas narrativas e muito acolhimento. Isso aconteceu espontaneamente. “Na relação da dádiva, as partes não visam o objeto, mas se servem dele para visar outra coisa: a relação, o vínculo, a amizade, a solidariedade”. Stella Bresciani organizou um livro recentemente intitulado “Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível” no qual a história das sensibilidades é configurada, tendo, como eixo norteador de todos os artigos da obra, as reflexões sobre memória. O trabalho de Jeanne Gagnebin⁸ me tocou profundamente, sobretudo, quando ela se refere ao conceito de testemunha nas suas divagações acerca da memória e da história, salientando que,

⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

⁷ HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho, p. 85-94. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). **Memória e Res (sentimento): Indagações sobre uma questão sensível**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001, p. 93.

Testemunha seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narrativa insuportável do outro e que aceita que suas palavras revezem a história do outro: não por culpabilidade ou compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa tomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

Muitas narrativas dos corpos idosos cuidadores dos netos com toda a carga de dor e dramaticidade de seu cotidiano profundamente ameaçador da dignidade humana eram quase insuportáveis para mim, mas a riqueza simbólica, afetiva e pedagógica dos nossos encontros era o que dava sentido às nossas interações e desafios. O trabalho com a metodologia da história oral é uma experiência de alteridade bastante intensa. O descentramento das nossas subjetividades é algo inevitável para que haja relação entre eu e o outro, e entre memória individual e a memória coletiva.

Lévinas, apud Haester, conceituando a dádiva enfatiza a profundidade do encontro com o outro, ao nos despirmos do nosso narcisismo. Para ele,

Descobrirmos o rosto de Outrem é fazermos a experiência inimaginável de que nunca nos pertenceremos inteiramente, que há desde sempre em nós um vínculo com Outrem que nunca poderíamos conceber por nós mesmos e que não vem *a priori* de nosso íntimo mais profundo.⁹

A trajetória foucaultiana¹⁰ da arqueologia dos conceitos fabricados na sociedade moderna inspirou o meu processo de relativização das identidades etárias e, conseqüentemente, dos conceitos de infância, juventude, idade adulta e velhice que atravessam o meu trabalho, mais especificamente em alguns territórios familiares e escolares do estado da Paraíba.

Para a problematização teórica do conceito de infância e da invenção do filho e da maternagem, recorri ao diálogo com Elizabeth Badinter, Sandra Corazza, Mariano Narodowski,¹¹ Colin Heywood,¹² Peter N. Stearns,¹³ Marcos Cezar de Freitas¹⁴ e o já considerado clássico no tema, Philippe Ariès.¹⁵

⁹ HAESTER, Audo. A demonstração pela dádiva – abordagens filosóficas e sociológicas In: MARTINS, Paulo Henrique. (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 148.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

¹¹ NARODOWSKI, Mariano. Adeus à Infância (e à escola que educava). In: SILVA, Luiz Heron da. (Org.). **A Escola no Contexto da Globalização**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 172-177.

¹² HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância: da Idade Média à época Contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

A desnaturalização do conceito de juventude foi possível através dos depoimentos dos jovens das comunidades, assim como de todas as idades da vida. Mas, academicamente falando, utilizei Gilles Lipovetsky,¹⁶ Jurandir Freire Costa,¹⁷ Michel Maffesoli,¹⁸ Suzana Tripoli¹⁹ e a obra organizada por Fernanda Eugenio e Maria Isabel Mendes de Almeida sobre culturas jovens. Sobre a idade adulta, há um absoluto hiato acadêmico. Esse silêncio reproduz a crença moderna idealizadora do lugar do adulto, o adulto hipermoderno que está adolescendo precisa ser pesquisado.

Os referenciais de análise recorrentes no meu trabalho relacionados às discussões sobre o conceito de velhice, foram: Guita Debert,²⁰ Myriam Lins de Barros,²¹ Clarice Peixoto,²² Norbert Elias, Alda Brito da Motta,²³ Benedita Lima Cabral,²⁴ Francisco Ortega²⁵ e Tânia Navarro Swain.²⁶

¹³ STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁴ FREITAS, Marcos Cezar de. **História Social da Infância no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

¹⁵ ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

¹⁶ LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

¹⁷ COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

¹⁸ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998.

¹⁹ TRIPOLI, Suzana Guimarães. **A arte de viver do adolescente: a travessia entre a criança e o adulto**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

²⁰ DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 49-68; _____. **A reinvenção da velhice: socialização e processo de representação do envelhecido**. São Paulo: Edusp / Fapesp, 1999.

²¹ BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Autoridade e Afeto**. Avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987; _____. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: _____. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 113-168.

²² PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 69-84; PEIXOTO, Clarice. Solidariedade familiar intergeracional. In: ARAÚJO, Clara; SCALON Celi. (Orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 225-240.

²³ MOTTA, Alda Brito da. Chegando pra idade, p. 223-235. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

²⁴ CABRAL, Benedita E. S. L; et. al. Dossiê, Gênero e Família. **Caderno CRH**, Centro de Recursos Humanos, UFBA, Salvador, n. 3, 1998; _____. **Recriar laços: estudo sobre idosos e grupos de convivência das classes populares paraibanas**. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

O conceito de família, nessa minha proposta de desnaturalização de categorias modernas obsoletas, também foi de fundamental importância na caminhada em direção aos corpos enrugados cuidadores dos netos. Os autores que contribuíram para essa desnaturalização e expansão do meu olhar com relação às famílias modernas e pós-modernas, foram: Cynthia Sarti,²⁷ Elizabeth Roudinesco,²⁸ François de Singly,²⁹ Maria Amália Faller Vitale,³⁰ Zygmunt Bauman,³¹ Mary del Priore³² e Clarice Peixoto. Mais especificamente, na reflexão sobre as famílias matrifocais, multigeracionais e ampliadas, recorro a Alda Brito da Motta e Benedita Cabral.

A escolha do conceito de corpo para atravessar todo o percurso da minha pesquisa e da escrita do texto se deve ao reconhecimento da plasticidade e do caráter relacional da invenção e reinvenção de nossos corpos infantes, jovens, adultos e idosos. O conceito de tribo, em Maffesoli, contribui para a compreensão do caráter relacional da nossa corporalidade. O conceito de território e devir em Guattari³³ salienta o caráter contingencial das nossas subjetividades corporais. O autor Breton³⁴ em sua obra *Sociologia do Corpo*, atenta para o fato de que a nossa existência é corporal. Eu enfatizo aqui, neste trabalho, que as categorias de gênero e geracionais atravessam os nossos corpos durante toda a nossa existência. Falo das minhas danças intergeracionais, de corpos infantes, jovens, adultos e enrugados numa perspectiva fenomenológica,

²⁵ ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. p. 42-58.

²⁶ SWAIN, Tânia Navarro. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 261-270.

²⁷ SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

²⁸ ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

²⁹ SINGLY, François de. **Sociologia de família contemporânea**. Tradução de Clarice Ellens Peixoto. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

³⁰ VITALE, Maria Amália Taller. **Família: Redes, laços e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

³¹ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004; _____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003; _____. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999; _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005; _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

³² PRIORE, Mary del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

³³ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

³⁴ BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

conforme propõe Ortega (2008) de forma a superar os olhares cartesianos dos corpos modernos, revelados nos discursos biomédicos, como também nos discursos dos intelectuais influenciados pela Antropologia e pelas teorias pós-estruturalistas, que ao tentarem se libertar das armadilhas reducionistas da ciência moderna a reproduziram. Estes afirmam de forma bastante dogmática: o corpo é uma invenção lingüística, cultural, uma produção discursiva, aqueles defendem radicalmente: o corpo é biológico.

Eu escolhi escorregar entre esses discursos, como pesquisadora de fronteira que sou. Para mim o corpo é biológico e cultural. E é desses corpos simbólicos e materiais que falo nessa minha narrativa delinqüente.

As teorias clássicas sobre a infância e sobre o desenvolvimento humano têm sido desconstruídas, mais intensamente no século XXI. A plasticidade e fluidez de todas as identidades de gênero e geracionais no cenário líquido têm desautorizado práticas discursivas e experienciais consubstanciadas em códigos comportamentais fixos, rígidos e a-históricos.

A Sociologia, a História e a Antropologia, diante da falência dos paradigmas essencialistas no processo de significação das demarcações etárias, têm adentrado gradativamente os debates acerca dos corpos infantis e jovens. Muitas pesquisas no campo das Ciências Humanas têm sido direcionadas ao estudo das representações diversas de infância e juventude no cenário contemporâneo ocidental. O maior mérito desses novos pesquisadores é o reconhecimento da heterogeneidade do pulsar infante e do pulsar jovem, assumindo que esses corpos são contingenciais, plásticos e mutáveis.

O sociólogo Breton realiza uma travessia pelos estudos sociológicos sobre o corpo. Ele historiciza os processos de simbolização dos corpos modernos pelos corpos adultos científicos, enfatizando o controle político da corporeidade nas sociedades modernas ocidentais. A tríade corpo/comunidade e sistemas simbólicos perpassa todo o seu trabalho acadêmico. O corpo para David Breton “é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo, nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator”.

Baseado nos estudos de Mauss, o referido autor mostra que nas sociedades tradicionais os corpos de todas as gerações representavam a conexão com os seus pares tribais e com a natureza. Nas sociedades modernas ocidentais, o corpo passa a representar a separação, a fronteira e a individualidade. No nosso processo de aprendizagem das modalidades corporais procuramos imprimir em nossos corpos as

nossas marcas individuais em fusão com as marcas sociais. O conflito esquizofrênico dos nossos corpos modernos entre fusão e individuação, entre normas e desejos, persegue-nos durante todo o curso de nossas vidas.

Somos seres culturais e corpóreos, por isso o artigo de Featherstone é um trabalho extremamente significativo para aprofundar a nossa concepção de corpo. Para o referido autor, “o corpo humano é uma entidade visível e esta visibilidade tem um importante papel na comunicação entre pessoas e nos encontros da vida social”.³⁵

O estudo sócio-antropológico sobre avós cuidadores de netos realizado na Paraíba mostrou que para a maioria das gerações jovens os ex-amores, os ex-filhos e a trama familiar com todas as responsabilidades que estas impõem, negam a individualidade desses homens e mulheres no seu devir orgástico. Quem fica em casa, quem assume o cuidado e o sustento dos filhos dos amores líquidos, são os avós, sobretudo as mulheres, seus corpos são culturalmente invocados a pulsar em função do cuidado com o outro, seus desejos pessoais são deslegitimados pelas novas gerações. Neste cenário hipermoderno e pobre, os corpos enrugados cuidam e os corpos viçosos gozam, desconhecem o mundo adulto das responsabilidades.

Esses primeiros passos em busca da história da avoternagem e da história dos filhos na Paraíba revelaram a predominância de experiências que afirmam o poder feminino no universo doméstico, a progressiva ausência e o silenciamento do masculino, mesmo quando estão presentes. As mulheres estão cada vez mais chefiando famílias, e as mulheres velhas estão chefiando e cuidando dos filhos das mulheres jovens públicas, parcialmente ou em forma de adoção. As relações intergeracionais, entre avós e netos e bisnetos são profundamente ambíguas, entrelaçadas pelo amor e pelo ódio, apresentando-se para as cuidadoras como uma experiência de fardo e/ou refúgio da solidão. A idade é representada por essas mulheres enrugadas como potencialidade, no sentido de, por ser mais velha, ter mais responsabilidade e saber cuidar e educar, e como fragilidade e vulnerabilidade, pela fadiga de uma história de vida muito árdua, pela ausência de saúde, pelo pouco dinheiro e pela solidão.

Para os jovens das comunidades pesquisadas, as pessoas velhas representam referenciais de estabilidade financeira e emocional, são aqueles que têm dinheiro, endereço, comportamento e colo certos para oferecerem aos que não têm, quais sejam:

³⁵ FEATHERSTONE, Mike. (Org.). **Textos didáticos: antropologia e velhice**. 2. ed. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998, p. 52.

os adultos, os jovens e as crianças. A ausência de confiança nos pais e nos adultos das duas comunidades é compensada pela afirmação reiterada da confiança nas pessoas mais velhas. Os depoimentos dos alunos das duas escolas públicas paraibanas demonstraram um profundo reconhecimento pelos corpos enrugados de suas comunidades, os discursos dos entrevistados os colocam na condição de representantes da ordem e das tradições dos bairros do Pedregal e São José. Os adultos de suas casas e de seus bairros desconstruem completamente o mito da adulez funcional inventado na modernidade.

Os abusos das gerações mais novas com relação aos mais velhos, nas relações intergeracionais, tanto material quanto afetivo, têm contribuído para a construção de imagens de filhos, netos e bisnetos baseadas na tirania destes em relação àqueles, e para a crescente violência intra-familiar. Nos territórios dos sem dinheiro, sem pais, sem abrigo, sem amor e sem confiança, os idosos aposentados aparecem como salvadores no cotidiano de suas famílias e nos referidos bairros, mas também como corpos extremamente vulneráveis aos corpos destrutivos das outras gerações.

As adoções das novas gerações pelas velhas gerações são fortemente presentes no Pedregal e no bairro São José, D. Iracema e D. França confirmaram isso em suas narrativas, falando de um lugar de mães da comunidade. As suas identidades femininas adultas e idosas foram modeladas com base em suas experiências de líderes comunitárias vigilantes e cuidadoras de todas as famílias que ocuparam aqueles territórios.

O senso de auto-estima para essas duas mulheres, assim como para as avós/bisavós cuidadoras de seus netos/bisnetos depende do seu auto-reconhecimento enquanto tábuas de salvação em um cotidiano de riscos e fragilidade extrema. Cuidar de corpos frágeis é o sentido da vida desses corpos enrugados femininos, e o grande combustível para enfrentar a dureza de seu cotidiano e dos seus tutelados é a religiosidade, mais precisamente, a fé em Deus pai todo poderoso.

Neste cenário de cartografias de famílias pobres paraibanas, os outros corpos ausentes de homens e mulheres jovens viçosos, que não reconheceram os seus filhos, ou reconheceram depois abandonaram, são corpos afirmadores de sua individualidade e de seus projetos sociais e negadores do seu vínculo familiar conjugal e/ou consanguíneo. O sentido de suas vidas está consubstanciado na vida hedonista e no culto à vida pública. Para isso, os corpos enrugados femininos são corpos domésticos, que cuidam e não são

cuidados, se submetem às demandas familiares em detrimento de seus projetos pessoais, são hiperresponsabilizados pela vida de três gerações, substituem o mito da maternagem pelo mito da avoternagem, e reconhecem os corpos infantes ex-filhos de seus pais e suas mães, como seus filhos, adotando-os. E assim começa a história dos novos filhos(netos)...e das novas mães (avós) em um mundo líquido voraz por sujeitos e territórios sólidos e estáveis.

AS FAMÍLIAS NATIMORTAS EM OUTRAS EXPERIÊNCIAS DE CLASSE NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE: QUANDO OS IDOSOS SÃO AS PESSOAS CUIDADAS POR “ESTRANHOS”

Um dos graves sintomas da nossa crise civilizacional contemporânea é a falta de cuidado. Conforme nos alertou Boff³⁶ “há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes sentem-se desenraizados culturalmente e alienados socialmente”, o descuido é um dos grandes estigmas de nosso tempo. Investir em um novo *ethos* civilizacional perpassa pelo reconhecimento da categoria cuidado dentro da perspectiva de Martin Heidegger, ou seja como um *modo-de-ser* essencial, legitimando a sua dimensão originária e ontológica. Para Heidegger apud Boff, o cuidado é um fenômeno existencial básico. As imagens de ser humano produzidas pela racionalidade científico-técnica coisificaram as relações intersubjetivas fabricando sujeitos sociais identificados com o modo-de-ser trabalho e indiferentes ao modo de ser cuidado.

Ausência de profissionalização e de humanização são os fatores determinantes do dramático diagnóstico das pessoas cuidadas, potencialmente, idosos e crianças na sociedade contemporânea. No Brasil, são recorrentes na mídia falada e escrita casos de violência com relação às pessoas idosas e crianças pelos próprios cuidadores destes, sejam eles formais ou informais. Na Paraíba, o índice de maus-tratos contra os idosos e de abuso sexual contra crianças causados por familiares que assumiam a condição de cuidadores destes, no cotidiano doméstico, é algo assustador. O alto índice de mortes de idosos e crianças causados por acidentes em seus domicílios é algo que também precisa ser denunciado e minimizado pela presença de cuidadores profissionais e sensíveis ao outro. O estado de insegurança ontológica que os idosos e as crianças experienciam é

³⁶ BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Ética do Humano – Compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999, p.19.

fruto da naturalização de uma cultura de desumanização e banalização da violência, de um individualismo exacerbado, de um olhar pragmático sobre a vida em todas as idades. A crueldade das novas gerações com relação ao segmento idoso, dos filhos com relação aos pais, dos netos com relação aos avós, dos que “são” com relação aos que “deixaram de ser” tem sido legitimada pelos discursos dos que se filiaram ao mundo-do-trabalho e do consumo.

Os dramas vivenciados pelas famílias contemporâneas relacionados às diferenças geracionais são resultantes da ausência de processos de educação intergeracional e da leitura fragmentada das idades da vida estimulada pela Psicologia do Desenvolvimento inspirada no darwinismo. Os adultos, potenciais cuidadores, das crianças e dos idosos assumem uma posição de superioridade em relação aos “corpos frágeis” encarando-os muitas vezes como sujeitos desprovidos de potencialidades e o que é mais grave, como um grande fardo em suas vidas.

Sensibilizada com o estado de solidão, dependência e fragilidade de muitos idosos da cidade de Campina Grande, presenciado por meio da pesquisa e de visitas domiciliares e em instituições asilares, como também pelo fato de ser integrante do Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade sediado na Universidade Federal de Campina Grande, montei com o apoio de uma equipe interdisciplinar de docentes, uma proposta curricular para a criação do Curso de Cuidadores de Idosos em 2009. O Ministério da Educação transformou esse ofício em uma profissão reconhecida institucionalmente.

As experiências vivenciadas por meio da coordenação desse curso e da minha participação como docente intensificaram ainda mais a minha angústia e indignação com relação ao desprezo dos familiares com relação aos idosos frágeis. As narrativas dos alunos do Curso que já atuam em domicílios de famílias de classe média e classe alta da cidade, me deixavam chocadas com a crueldade dos jovens e adultos direcionada cotidianamente aos seus pais, avós e bisavós idosos e dependentes. No seio das famílias, os adultos e jovens são os “estabelecidos”, aqueles porque são trabalhadores e provedores, estes porque vivem o tempo hedonista e da beleza, por outro lado, os corpos enrugados são tratados como os “outsiders”. A morte afetiva dos idosos é confirmada na própria arquitetura das casas, os quartos dos idosos são feios, muitas vezes, são os depósitos das residências, é confirmada também, na ausência de tempo dos “entes queridos” para ouvir e tocar aqueles corpos frágeis do tempo lento.

A desritmia e a apatia expressam o abismo existente entre os que já foram cuidadores no passado e os que não têm tempo, nem paciência para cuidar, ou seja, filhos, netos e bisnetos no tempo presente. A sensação de despertencimento à família que o (a) idoso(a) constituiu e nutriu afetivamente é algo flagrante no seu semblante. Procuramos no nosso Curso sensibilizar os alunos cuidadores ou futuros cuidadores para o reconhecimento e para a preservação da dignidade dos seus cuidados, por meio de uma escuta sensível e fundamentados na educação intergeracional. Questionamos também o olhar biomédico e fatalista fisiológico sobre a velhice que ainda predomina na formação dos profissionais de saúde. Estimulamos uma leitura corporal do idoso que reconheça nas suas rugas, experiência e potencialidade.

Formamos três turmas, cada uma delas com 30 alunos, em sua maioria esmagadora, mulheres. É consensual entre esses alunos cuidadores, a dor do desprezo dos familiares dos idosos no que diz respeito aos idosos que eles cuidam. Em seus depoimentos, muitos compartilharam conosco o fato recorrente de ter que pedir demissão da casa de família por tratar o idoso com mais amor, mesmo ele sendo um estranho do que os seus familiares. Esses cuidadores testemunham uma atitude cotidiana de desistência dos seus pais velhos e doentes por parte de seus filhos, que vêem nos corpos frágeis um fardo e uma negação de suas privacidades. Estamos falando de narrativas de famílias natimortas de classe média e alta da cidade de Campina Grande.

Os estudos sobre história da família são muito escassos no Brasil, sobretudo em se tratando de uma história do tempo presente, isso reforça um preconceito com relação ao privado enquanto objeto de análise científica, negando assim o potencial pulsante dos cotidianos domésticos que muito revelam das crises identitárias das sociedades “pós-modernas”. Silenciar e invisibilizar o mundo privado é reproduzir o olhar binário e maniqueísta sobre o público e o privado. As experiências familiares brasileiras contemporâneas, sobretudo após a revolução feminista e a expansão da era digital borraram as fronteiras entre as esferas públicas e privadas de forma gritante.

Narrar experiências domésticas é escavar a história da construção da invisibilidade dos sujeitos e das experiências do porão e as suas potencialidades negadas pelos que são civilizados e estabelecidos. Colocar a casa na cena pública, bem como aqueles que ficam em casa, é reconhecer o protagonismo no que se refere à própria funcionalidade da vida pública cidadina. Ser cidadão é transitar entre o público e o privado, é ter para onde ir, mas é também ter onde ficar e com quem ficar. Essas

efervescentes ambivalências da vida “pós-moderna” são dilacerantes em termos identitários para todas as gerações que constituem uma família. Costa³⁷ ao se remeter a esse processo de destradicionalização dos costumes, ele afirma que ao mesmo tempo que estamos experienciando um processo radical de desidentificação com o velho, não podemos romper em absoluto com os pilares das tradições, quais sejam: família, trabalho e religião.

Mourgues apud Maffesoli³⁸ ressalta que a “casa” não é redutível a uma intimidade um pouco friorenta, assim como se interpreta muitas vezes, mas ao contrário ela é a imagem do mundo civilizado no seu todo. Maffesoli atenta em sua obra, para a relevância do *domus*, bem como para a indissociabilidade entre o microcosmo e o macrocosmo. A domificação proposta por Maffesoli é de fundamental importância para pensar os paradoxos presentes na cena contemporânea, mais especificamente para denunciar o ostracismo dos que assumem essa espacialidade, para que os estabelecidos assumam uma vida pública.

O protagonismo dos corpos enrugados é invisibilizado pela mídia e pela cena pública como um todo, tanto quando estes são os cuidadores e provedores de netos e bisnetos, realizando um processo de adoção informal, como quando eles são contadores de histórias para os seus cuidadores formais e informais em seus leitos domiciliares. O protagonismo dos que cuidam dos idosos, bem como dos que cuidam de crianças, em função do deprestígio social do ambiente doméstico também é ofuscado pelos paradigmas citadinos civilizatórios. Não sei quem é mais desprezado socialmente, as crianças e idosos que ficam em casa e precisam de cuidadores, ou as pessoas que assumem a condição de seus cuidadores para que os bem-sucedidos assumam o grande palco urbano: a vida pública.

Esse mito fundador da modernidade, a apologia à cena pública, está em ruínas, está desbotado e desbotando cotidianamente nos *domus* das famílias contemporâneas brasileiras e paraibanas. As sociedades burguesas se constituíram alicerçadas na díade casa e rua, se a casa está ruindo, como as ruas funcionarão, quem normatizará os corpos para a vida em sociedade? As famílias natimortas são sinônimos de cidades natimortas,

³⁷ COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

³⁸ MORGUES apud MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998

de insustentabilidade das vidas urbanas. Assim com uma narrativa cheia de ambivalências, se encerra ou tem início, uma história das famílias e das casas contemporâneas, bem como dos que ficam em casa... outras versões também aparecerão na cena pública, por outros narradores.



www.revistafenix.pro.br